



Práticas de beneficiamento e uso sustentável do óleo de Andiroba na Amazônia: experiências de resgate e socialização de saberes no Sítio Agroecológico Santa Rita

Practices for the processing and sustainable use of Andiroba oil in the Amazon: experiences of recovering and socializing traditional knowledge at the Santa Rita Agroecological Farm

CORREIA, Luciana¹; CASTRO, Maria Amélia dos Santos²; SÁ, Marnilda Pereira³; DINIZ, Raphael Fernando⁴

¹Sítio Agroecológico Santa Rita, Idias.floresta@gmail.com; ²Quilombo Andirá, mariaameliasantos80@gmail.com; ³Sítio Agroecológico Santa Rita, sa.marnilda@gmail.com;

⁴Universidade Federal do Amazonas – UFAM, diniz@ufam.edu.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Construção do conhecimento agroecológico

Resumo: O óleo de andiroba possui múltiplos usos na medicina popular, mas seu processo de produção é longo, complexo e totalmente artesanal, que envolve, na maioria das vezes, grupos só de mulheres que exercem a tarefa de repassar esses conhecimentos através da oralidade e do fazer juntos. Contudo, com as mudanças na sociedade, percebe-se um desinteresse pelos mais jovens em aprender e perpetuar esses conhecimentos. Neste contexto, com o objetivo de resgatar e contribuir para a manutenção desses conhecimentos ancestrais, o Sítio Agroecológico Santa Rita vem desenvolvendo trabalhos fundamentados nos princípios agroecológicos e da educação ambiental junto com agricultoras e agricultores da comunidade do Brasileirinho, através de metodologias participativas. A partir da experiência relatada, foi possível fazer um resgate dos saberes ancestrais que envolvem o manejo e a extração sustentável da andiroba e fortalecimento da identidade cultural da região.

Palavras-chave: óleo de andiroba; conhecimentos ancestrais; agroecologia; sítio agroecológico santa rita; educação ambiental.

Contexto

A andiroba (*Carapa guianensis*, *Meliaceae*) é uma árvore do bioma amazônico, que pode chegar a 30 m de altura, ocorre em várzeas secas e inundáveis à beira de igarapés, florescendo nos meses de janeiro e fevereiro e de agosto a setembro, o que significa abundância de frutos duas vezes ao ano.

Para os povos da floresta, muito antes da chegada dos europeus, a andiroba se apresentava como uma poderosa aliada natural para tratar e amenizar diversos tipos de males que os acometiam (PESCE, 1941) e, segundo Aublet (1977), indígenas impregnavam todo o corpo, inclusive os cabelos, com uma mistura de azeite de andiroba e urucum, que, entre tantos benefícios, funcionava como um poderoso repelente.

Esse tesouro da Amazônia foi amplamente ignorado pelos exploradores que buscavam em nossas florestas basicamente madeiras de lei, como o cedro. No



entanto, a andiroba passou a ser uma das mais cotadas para a exploração madeireira a partir da percepção de que se tratava de uma madeira imune ao ataque de cupins e turus que devoravam com facilidade outras madeiras amazônicas. Além dessa magnífica resistência, a andiroba apresentava uma segunda vantagem na logística dos exploradores, uma vez que se tratava de uma árvore de predominância em várzea, então, bastava cortá-la e jogá-la para dentro do rio ou igarapé e esperar que a água a transportasse até os grandes navios que a fariam cortar o oceano até a Europa.

A exploração indiscriminada que dominou a Amazônia nos primeiros séculos da colonização portuguesa, ignorando solenemente os conhecimentos dos povos originários e deixando de lado seu maior potencial, o medicinal, levou a andiroba a ser explorada simplesmente como madeira, quase provocando sua extinção.

Esse cenário ora exposto muda quando os exploradores observaram o modo tradicional de vida de comunidades indígenas e ribeirinhas, os quais se banhavam nas beiras do rio com um sabão rústico feito à base dos resíduos das cascas da andiroba e cinzas e resíduos da casca do cacau, que hidratava pele e cabelos, revelando um poderoso hidratante natural e que auxiliava como repelente de mosquitos. Assim, a andiroba começa a revelar os seus segredos.

Entre os anos 1930 e 1940, o sabão dos povos da floresta feito de andiroba chamou tanto atenção dos europeus que nesse período se instalaram no estado do Pará diversas fábricas que produziam e exportavam o produto para toda a Europa (MOURÃO, 1989). Através da matéria prima fornecida pela árvore, concluía-se que ela valia muito mais em pé do que explorada como madeira, o que consequentemente a poupou de ser extinta.

O nome andiroba deriva da língua tupi, onde “nhandi” significa óleo e “robi” amargo – logo, andiroba seria a árvore do óleo amargo, e é justamente nesse óleo que se apresenta os múltiplos usos no emprego da medicina popular.

Por ser considerado um extrativismo sustentável, quando comparado a exploração madeireira, a coleta de sementes para o seu beneficiamento e extração de óleo e seus subprodutos pode contribuir na composição e diversificação da renda da população local.

Neste contexto, com o objetivo de resgatar e contribuir para a manutenção desses conhecimentos ancestrais, utilizamos da metodologia participativa nas oficinas de extração do óleo de andiroba no Sítio Agroecológico Santa Rita, onde entendemos que co-criar essa oficina com as agricultoras e agricultores da comunidade do Brasileirinho é, sobretudo, viabilizar a construção do conhecimento em conjunto, fortalecendo o empoderamento da agricultura familiar sustentável e da organização em sintonia com os princípios da agroecologia (VERDEJO, 2006).



Descrição da Experiência

O Sítio Agroecológico Santa Rita está situado no entorno da cidade de Manaus, em uma área rural que também é um corredor ecológico e que recebeu incentivo do poder público a doação de mudas florestais nativas para que as populações que há mais de trinta anos que moravam ali pudessem no futuro trabalhar com extrativismo sustentável.

Porém, a exemplo da grande maioria dos moradores da localidade, a atual assentada do sítio via suas andirobas soltarem seus frutos duas vezes ao ano e não sabia como extrair o óleo. Embora sendo ela filha de agricultores indígenas e vinda do interior do estado do Amazonas, os conhecimentos tradicionais da extração artesanal do óleo se perdeu ao longo de sua vida, que a impossibilitava de realizar o beneficiamento das sementes da árvore e, assim, fazer um uso sustentável deste recurso.

O processo para se chegar ao óleo de andiroba é longo, complexo e totalmente artesanal, que envolve na maioria das vezes grupos só de mulheres da comunidade, que ficam com a tarefa de repassar esses conhecimentos através da oralidade e do fazer juntos. Contudo, com as mudanças na sociedade, percebe-se um desinteresse pelos mais jovens em aprender e perpetuar esses conhecimentos.

A partir dessa leitura social, o Sítio Agroecológico Santa Rita promoveu a oficina denominada “Curso de manejo e extração de óleo de andiroba” nos dias 3 e 10 de junho de 2023 na comunidade rural do Brasileirinho, reunindo agricultoras, agricultores familiares e entusiastas da medicina natural advinda da andiroba.

A mediadora da oficina compartilhou do conhecimento que adquiriu com a senhora Maria Amélia dos Santos Castro – nossa Lourdes – liderança do quilombo do rio Andirá (estado do Amazonas), que entre os anos de 2019 e 2022 estudaram juntas o curso de Agroecologia no Instituto Federal de Ciência, Tecnologia e Educação do Amazonas – IFAM - CMZL, e que nesse período dona Lourdes, generosamente, repassou muitos de seus conhecimentos para seus companheiros de sala de aula,

fazendo com que a mediadora sentisse o compromisso de ser disseminadora desses ensinamentos para outros de sua comunidade. Estudantes de Agroecologia como somos, sabemos da importância do resgate desses saberes para que os mesmos não venham a sofrer um processo de aculturação, e que possam ser reconhecidos não apenas de maneira formal, mas como um poderoso instrumento na construção de novos conhecimentos agroecológicos, sobretudo para os contemporâneos que ingressam o curso.



Nesse sentido, a oficina foi dividida em dois momentos: teórico e prático (FIG. 1).



Figura 1: Frutos de andirobas e óleos produzidos durante o curso realizados pelas agricultoras do Sítio Agroecológico Santa Rita, Comunidade do Brasileirinho, Manaus-AM, 2023. Autoras: CORREIA, L.; SÁ, M. (2023).

Na etapa teórica, foram abordados o histórico ancestral da espécie com as comunidades tradicionais do Amazonas, o uso medicinal da andiroba na vida e infância de cada pessoa presente e seus múltiplos usos, além do seu cultivo e propagação. Toda essa etapa foi desenvolvida através de roda de conversa



buscando resgatar o conhecimento através da técnica e saberes empíricos das agricultoras e agricultores familiares e demais presentes.

A parte prática da oficina foi dividida em quatro etapas para facilitar a compreensão do processo complexo da extração do óleo. A etapa 1 consistiu na busca de sementes da árvore no andirobal, ressaltando que a qualidade do óleo está diretamente ligada a todas as etapas, começando pela seleção de sementes novas, sem marcas de predação por insetos, sempre buscando pelas maiores para facilitar o trabalho no momento de descascá-las.

Na etapa seguinte, as sementes selecionadas e já limpas são cozidas em fogão à lenha por aproximadamente duas horas, escorridas e colocadas em paneiros (cestos de palha), cobertos por folhas de açaí e ali permaneceram em repouso por no mínimo 15 dias. Vale ressaltar que esse período de descanso é essencial para que processos químicos ocorram na casca das sementes fazendo com que a massa amoleça e possa escorrer o óleo. Durante todo esse processo de cozimento e armazenagem das sementes, a roda de conversa abordou algumas questões de aspecto social, como desenvolvimento da atividade tradicionalmente por mulheres, que aprenderam com suas mães, avós e tias todo o processo, assim como algumas superstições envolvendo a extração do óleo de andiroba, como mulheres grávidas ou menstruadas não poderem manusear a massa de andiroba e nem mesmo olhar para o paneiro onde está guardado as sementes para o óleo não secar.

A terceira etapa consistiu na reunião do grupo de pessoas em uma mesa para descascarem as sementes de andiroba que já estavam previamente cozidas e guardadas para esse momento. Após a retirada da massa de algumas sementes, a mesma foi sovada e colocada em forma de pão em tabuleiros de alumínio e levadas ao sol, onde se explicou que a massa precisa ser sovada pelo menos duas vezes ao dia e levada ao sol para que comece a escorrer o óleo, que pode acontecer do primeiro ao terceiro dia e que a partir daí o óleo é coado e armazenado em garrafas de vidro.

Na quarta e última etapa abordamos as variadas opções de utilização dos resíduos da andiroba para a fabricação de sabonetes, hidratantes, repelentes, velas, substratos para plantas entre outros. Tratamos, complementarmente, de questões como a comercialização do óleo nas feiras de Manaus e diretamente ao consumidor e a importância em conscientizar os agricultores familiares a valorizar os produtos naturais da Amazônia e os conhecimentos empíricos de seus povos.

Para Santos (2014), compreender as práticas tradicionais de relação com a natureza pode garantir a melhoria das condições de vida para as gerações atuais e futuras, assim como é uma ferramenta importante para os povos e comunidades tradicionais garantirem a perpetuação dos saberes e práticas ligados ao meio que vivem.



Resultados

A partir da experiência relatada, foi possível fazer um resgate dos saberes ancestrais que envolvem o manejo e a extração sustentável da andiroba e fortalecimento da identidade cultural da região.

Em face das dificuldades de manejo e beneficiamento dos produtos não madeireiro, comumente encontrada nas comunidades locais, os participantes da oficina sugeriram a criação de cooperativas que possam fortalecer uma cadeia produtiva gerando renda, o que corrobora com Põllumäe *et al.* (2014), para os quais a cooperação pode ser uma possibilidade para aumentar a provisão de vários benefícios e bens relacionados à floresta.

Por outro ponto de vista, percebe-se o aumento em incentivos a criação de cooperativas no Amazonas sem o devido estudo de demanda ou cooperativas que fazem meramente o trabalho de atravessador, explorando as vocações florestais das comunidades e oferecendo preços muito abaixo do mercado. Nesse ponto, Medina (2012), afirma que as relações estabelecidas entre cooperados e sua administração não devem ser de dependência total e que seja pautada em relações mais justas do ponto de vista econômico, pois essas organizações comunitárias precisam liderar e fortalecer seu desenvolvimento e da comunidade em que estão inseridas.

O encontro também possibilitou contribuir com novas oportunidades de geração de renda sustentável, garantindo que a comunidade local possa se desenvolver gerando renda sobretudo para as mulheres extratoras, contribuindo para a soberania desses povos e incentivando que a andiroba possa ser mais valiosa em pé, soberana na floresta como sempre foi.

Referências bibliográficas

AUBLET, Jean Baptiste Christophore Fusée. 1977 **Histoire des plantes de la Guiane Française texte**. Reimpressão do original publicado em 1775. J.Cramer: Vaduz, Lichtenstein. Vol.1. 32-34p.

MEDINA, Gabriel. **Governança local para Manejo Florestal na Amazônia**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 27, n. 78, p. 68-79, 2012.

MOURÃO, Leila. **Memória da Indústria Paraense**. Belém, FIEPA, 1989. 93p.

PESCE, Celestino. 1941. **Oleaginosas da Amazônia**. Oficinas gráficas da Revista Veterinária, Belém, PA. p. 66-69.

PÕLLUMÄE, Priit; KORJUS, H.; KAIMRE, P.; VAHTER, T. **Motives and Incentives for Joining Forest Owner Associations in Estonia**. Small-scale Forestry, Zurich, v. 13, p. 19–33, 2014.



SANTOS, Luciana Marinho. **Ecologia de saberes: a experiência do diálogo entre conhecimento científico e conhecimento tradicional na comunidade quilombola da Rocinha.** Tempus, actas de saúde colet, Brasília, 8(2), 243-256, jun. 2014.

VERDEJO, Miguel Expósito. **Diagnóstico Rural Participativo: guia prático DRP.** Brasília: MDA/. Secretaria de Agricultura Familiar, 2006. 62 p.